

XIV CISO – ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO NORTE E NORDESTE

GT 26: Sexualidades, corporalidades e gêneros: desafios, subversões e alianças

Ousar dizer o nome: movimento homossexual e o surgimento do GRAB no Ceará

Autor: Daniel Rogers de Souza Ferreira (UECE)

Co-autora: Profa. Dra. Maria Glaucíria Mota Brasil (UECE)

e-mail: danielrogersce@yahoo.com.br

Recife

2009

## APRESENTAÇÃO

O presente trabalho foi apresentado como monografia de conclusão do curso de serviço social da Universidade Estadual do Ceará, com o título Ousar dizer o nome: movimento homossexual e o surgimento do GRAB no Ceará, e teve como objetivo identificar os processos históricos que possibilitaram a organização dos homossexuais de Fortaleza, as contribuições do Grupo de Resistência Asa Branca (GRAB) para o movimento, os sujeitos envolvidos em sua construção e nas suas primeiras atividades, as suas relações com outros movimentos sociais, partidos e organizações estatais.

A pesquisa possuiu como marco de interlocução teórica os seguintes autores: Foucault, Bourdieu, Costa, Trevisan, James Green e Peter Fry, dentre outros, cujas idéias foram articuladas ao material coletado no trabalho de campo realizado a partir de entrevistas junto a representações do movimento homossexual cearense, desde sócios fundadores do GRAB e principais lideranças na época, buscando abarcar também, as diversas manifestações das homossexualidades (Lésbica, *Gay*, Bissexual e Travesti e Transexual/LGBTT). Na metodologia, lançamos também uso de outros mecanismos de investigação: participação em atividades, observação, leitura de materiais institucionais (livros de atas, fôlderes, cartilhas, jornais e manifestos), matérias veiculadas em outras mídias, etc.

Na elaboração deste artigo, destacaremos, primeiramente, as percepções acerca do homoerotismo ao longo da história, abordaremos as considerações a respeito dos discursos construídos ao na trajetória da humanidade acerca das relações entre pessoas do mesmo sexo; as formas diferenciadas como sociedades e culturas, em diversos momentos históricos compreendiam e tratavam a questão. Identificado o período em que surge a figura do homossexual, os mecanismos de opressão e controle, além das primeiras manifestações de defesa dos direitos destes sujeitos.

Posteriormente, daremos ênfase ao processo de surgimento do movimento homossexual moderno, descreveremos como esse setor da sociedade se organizou no mundo, influenciando a criação do primeiro grupo de homossexuais brasileiro, o Somos, destacando a experiência ocorrida no estado do Ceará na década de oitenta que culminou com a criação do Grupo de Resistência Asa Branca em Fortaleza.

## PERCEPÇÕES ACERCA DO HOMOEROTISMO NA HISTÓRIA

Na antiguidade, o comportamento homoerótico estava presente nos rituais de iniciação e nas práticas religiosas, como parte integrante da estrutura social. Para estas civilizações, a idéia que temos de “homossexualidade”, não se aplica, já que, para estes, a prática sexual entre homens não era algo que destoava das normas estabelecidas. Como afirma Bourdieu (1998), a definição dos corpos, como trabalho de construção social, determina seu uso legítimo, sobretudo os sexuais.

Estudos antropológicos, acerca do comportamento das tribos em Papua (Nova Guiné) e nas ilhas da Melanésia, fornecem dados que evidenciam a atividade homoerótica, com graus de diferenciação, mas pautadas num mesmo princípio: de modo geral, acreditava-se que os meninos não produziam seu esperma naturalmente, daí, surgia à necessidade de inseminá-los, oral e/ou analmente, aos primeiros sinais de puberdade, num processo de transição da infância para vida adulta, a fim de fornecer à criança propriedades de força e coragem que lhe seriam necessárias (SPENCER, 1999).

Na Grécia antiga, de forma semelhante ao que ocorria nessas tribos de Papua e ilhas da Melanésia; o homoerotismo fazia parte da estrutura social e estava relacionado ao processo de transição da infância para idade adulta. As práticas homoeróticas eram legitimadas por meio de uma pederastia ritualizada, em que o jovem torna-se uma espécie de aprendiz de um homem mais velho, responsável por educá-lo gradualmente em todas as áreas da vida.

A noção de homossexualidade grega é pouco adequada devido às diferenças culturais e sociais em relação ao período em que este termo passa a ser utilizado. Por outro lado, a atividade homoerótica não era vista como uma escolha excludente à heterossexualidade.

Quando por exemplo constatamos que em certas sociedades históricas ou etnológicas seria totalmente impensável distribuir os sujeitos em conjuntos descritivos-valorativos de ‘homossexuais’ e ‘heterossexuais’, (...) onde o homoerotismo era tão ou mais difundido quanto o heteroerotismo (...) É difícil imaginar um ateniense culto ou um guerreiro espartano da Antigüidade achando-se uma ‘exceção’ à regra da sexualidade humana (...) (COSTA, 2002, p. 25-6).

O relacionamento entre homens dava-se em torno de um conjunto de regras e valores inseridos na cultura grega. Era devido respeitar seu caráter transitório, a divisão dos papéis sociais e sexuais entre o homem adulto e o jovem que eram aceitáveis pela sociedade e suas representações.

Foucault (2001) fala de uma moral sobre o comportamento sexual que se dava nas relações entre homens; em que cabia ao rapaz a posição de passivo, a submissão aos desejos e o efeminamento era discriminado. O homem viril, erasta, transparecia suas virtudes morais pelo domínio de si e pela atividade sexual, na qual ele estabelecia uma relação de dominação perante o erômeno.

Em contrapartida, entre os hebreus, acredita-se que a homossexualidade era considerada uma atitude abominável, segundo passagens da Bíblia (Levítico 18:22 e 20:13). Sendo punida, em alguns casos, com a morte por apedrejamento. A história de Sodoma e Gomorra é tomada como referência pelas religiões judaico-cristãs como prova cabal da condenação ao homoerotismo por parte de Deus. Daí que, o uso do termo sodomia surge para designar as relações homossexuais masculinas (HELMINIAK, 1998).

Para esta civilização, existia uma preocupação exacerbada referente aos assuntos relacionados ao sexo, em função da necessidade de sobrevivência e multiplicação das tribos, por parte dos patriarcas citados no Velho Testamento. Quaisquer práticas que sexuais que não tivessem como fim a procriação era proibida e condenada.

Tempos depois, sob influência do Cristianismo, o Império Romano passou a condenar o homoerotismo por meio de leis cada vez mais severas. Dentre as punições, os homoeróticos daquela época corriam o risco de serem castrados e condenados à fogueira, como previa uma lei de Justiniano no ano 533 d.C.

A Igreja Cristã, desde seus primórdios, no que diz respeito à sexualidade, tem se colocado numa postura que vai contra as práticas exercidas pelas civilizações pagãs. A influência do discurso moralizante da Igreja foi crescendo e fazendo parte do cotidiano das comunidades européias.

Entre os séculos IV e XI, em meio à elaboração de medidas legislativas que penalizavam a sodomia, a Igreja passou a publicar os penitenciais, manuais religiosos, que continham as punições cabíveis às práticas que ofendessem a moral cristã da época. Apesar

de diferenças de punições sugeridas por diferentes autores e países, em todos os casos a homossexualidade era condenada em toda Europa, com prisões multas e jejum.

No século XIV, de acordo com o código moral da época, as relações sexuais se restringiam ao casamento, desde que, se respeitasse o critério de normalidade: a penetração vaginal numa posição pré-determinada, para que não se desviasse daquilo desejado por Deus. Todas as outras formas de manifestação da sexualidade estavam contaminadas pelo demônio, condenando, assim, seus praticantes ao inferno.

A descoberta de Novos Mundos, já no século XVI, colocou colonizadores e missionários diante de civilizações em que o “vício de Sodoma” estava disseminado, causando espanto destes. Diferentemente, da moral dos europeus, os índios davam pouca importância à virgindade e até questionavam o celibato. O mesmo fato foi verificado no Brasil.

No século XVII, o movimento da Reforma Protestante vai reforçar ainda mais a ideia da legitimidade do contato sexual apenas no casamento e somando-se à repressão já praticada pelas lideranças católicas. Mesmo no casamento, práticas como o coito interrompido eram pecaminosas, pois ameaçavam extinguir uma nova vida. Esta mesma ideologia era repassada às colônias do Novo Mundo.

Como consequência, no Brasil, que era submetido à legislação da Coroa Portuguesa, a sodomia passou a ser equiparada como crime que lesava a Majestade, sendo punida com a pena de fogo, confisco dos bens e infâmia sobre os filhos e descendentes do condenado (TREVISAN, 2000).

A perseguição que existiu na época não impediu que surgissem territórios alternativos de encontro e convivência entre homoeróticos. Por exemplo, na Inglaterra, as *molly houses* (casas de viado) eram locais reservados em tavernas em que podia se ouvir música, assistir apresentações de dança, cantar, beber e os homens vestiam-se de mulher.

Nos séculos que se seguiram a perseguição a esses sujeitos iria se intensificar, atingindo um novo patamar de estigmatização alimentado pelo processo de aparecimento e expansão do capitalismo e pelo discurso médico científico, que os desloca da condição de pecadores à de degenerados.

## O SURGIMENTO DA FAMÍLIA PATRIARCAL BURGUESA E A INVENÇÃO DO HOMOSSEXUAL: DE PECADORES A DOENTES

No século XVIII, a ascensão da pequena burguesia e a hegemonia da lógica mercantilista marcava o surgimento da necessidade de que novos valores fossem absorvidos pela sociedade em prol da nova organização social. Havendo assim, uma valorização do trabalho e os papéis de sexo e da família passaram a ser redefinidos.

A Revolução Industrial foi marcada por um período de aumento das taxas de crescimento e fertilidade, a ênfase ao casamento ia contra à sexualidade não-reprodutiva. O comportamento efeminado, associado à frugalidade, fraqueza e por não possibilitar a reprodução, foi duramente discriminado. O objetivo era fazer do homem o homem-pai, cidadão ocupado exclusivamente em trabalhar, cuidar dos filhos e fiscalizar a moral sexual das esposas (COSTA, 2002).

No século XIX, o comportamento homoerótico passa a ser analisado e tratado sob uma nova perspectiva. Ao discurso da Igreja e da legislação de diversos países, foi acrescentada a visão médica, devido o desenvolvimento do campo científico e a grande influência que a Medicina exercia na sociedade.

Foi por volta de 1870 que os psiquiatras começaram a constituí-la como objeto de análise médica, ponto de partida, certamente, de toda uma série de intervenções e controles novos (...) Antes eles eram percebidos como libertinos e às vezes como delinquentes (daí as condenações que podiam ser bastante severas – às vezes o fogo, ainda no século XVIII – mas que eram inevitavelmente raras). A partir de então, todos serão percebidos no interior de um parentesco global com loucos, como doentes do instinto sexual (FOUCAULT, 1998, p. 233).

É neste momento histórico que vai ser cunhado, pela primeira vez o termo homossexual, com o sentido que conhecemos até hoje, no ano de 1869, pelo médico húngaro Karoly Maria Benkert. Este havia escrito que a homossexualidade era conseqüência de um impulso que os tornava física e psiquicamente incapazes.

A obra *Psychopathia Sexualis* de Krafft-Ebing (1886) influenciou toda uma geração de médicos. Neste livro, a homossexualidade era considerada manifestação de uma anomalia hereditária e da degeneração do sistema nervoso central. Estas idéias propiciaram, posteriormente, já que partiam da concepção de doença, a proposição de uma

série de formas de tratamento e cura, que iam do internamento à castração terapêutica dos indivíduos homoeróticos.

Havelock Ellis e J.A. Symonds, na obra *Inversão Sexual* vão tratar do lesbianismo, já que o primeiro, embora heterossexual, era casado com uma lésbica. O livro relata a história de três homossexuais femininas e argumenta que a principal causa de suicídio entre mulheres é a homossexualidade. O pensamento dos dois autores acima, apesar de suas limitações, vai contribuir na construção dos primeiros discursos em defesa do homoerotismo.

Ellis Havelock, médico de idéias socialistas, apesar de reafirmar que a prática homoerótica era realmente uma patologia, acreditava que o homossexualismo era incurável e caracterizava o comportamento de uma minoria. Para além disso, defendia que as leis deveriam assegurar que os homossexuais pudessem viver em paz, já que portavam uma anomalia inofensiva e que houvesse campanhas de esclarecimento e educação ao restante da população.

A relação entre a defesa de uma sexualidade mais livre e o socialismo que marca a posição de Ellis norteou também o trabalho e a vida de um grande herói do socialismo utópico inglês, Edward Carpenter (1844-1929). Influenciado pelas idéias do poeta americano Walt Whitman, Carpenter acreditava num companheirismo que poderia incluir relações homossexuais entre homens e que seria um fator de equilíbrio para o materialismo, uma forma de espiritualizar a democracia e unir as classes sociais (FRY, MACRAE, 1985, p.85).

Edward Carpenter criticava veementemente a estrutura social da época, a burguesia industrial, seus valores e moral. As leis, para ele, estavam a serviço de uma classe dominante e não aos anseios do homem. Em sua vida privada, viveu maritalmente com o operário George Merrill até que este viesse a falecer. A casa dos dois tornou-se ponto de peregrinação de diversos apoiadores da causa homossexual, do movimento trabalhista, socialista, artesãos e intelectuais.

Os ideais colocados acima impulsionaram na Europa a organização de campanhas contra a descriminalização da homossexualidade. Em destaque, a que ocorreu na Alemanha, em 1897, em vista de abolir o artigo 175 do Código Penal daquele país, que punia as práticas homoeróticas.

No mesmo ano, foi fundado em Berlim, pelo médico judeu Magnus Hirschfeld, o Comitê Científico Humanitário, que além de lutar pela abolição do artigo 175, guardava em sua sede inúmeros documentos referentes à pesquisas sobre o homossexualismo. O

comitê oferecia serviços de aconselhamento e estava comprometido com a produção científica sobre o tema.

Já no século XX; na Rússia, após a Revolução de 1917, o governo bolchevique aboliu as leis que puniam os atos homossexuais, tendo em vista uma verdadeira contraposição ao que era praticado em outros países da Europa. Com a ascensão dos stalinistas ao poder, começou a ser desenvolvida a idéia de que a homossexualidade era produto da decadência burguesa. Em 1934, Josef Stalin introduziu uma lei que pune homossexuais masculinos até oito anos de prisão (FRY, MACRAE, 1985).

Em diversas partes do continente europeu, foram criadas instituições que visavam discutir a legislação anti-homossexual baseados nas pesquisas nos campos da medicina, biologia, psicologia e sociologia. Estes grupos, além da questão da homossexualidade, debatiam assuntos em torno de um rol de desigualdades no meio social.

Na Alemanha, já sob domínio nazista, em 1933 promoveu uma perseguição aos homossexuais que culminou com a invasão do Comitê Científico Humanitário e destruição de seu acervo. Houve um aumento do número de condenações relativas à infração do artigo 175. A Gestapo, polícia do regime nazista, enviava os homossexuais condenados para campos de concentração, identificados com um triângulo rosa costurados no peito. Atualmente, o triângulo rosa é um dos símbolos do movimento *gay*.

Os judeus, os homossexuais e os ciganos – que usavam no peito, respectivamente, triângulos amarelos, rosa e marrons – foram os que mais sofreram torturas e violência por parte da SS. Eram descritos como a escória da humanidade, sem direito a viver no solo germânico, devendo assim ser exterminada (SPENCER, 1999, p. 329).

Para os homossexuais brasileiros, a década de 30 foi marcada por uma crescente intervenção dos médicos, juristas e criminologistas em questões sociais que abrangiam desde a fundação “higiênica” da mulher na família até a relação entre raça e crime, (GREEN, 2000).

Nas primeiras décadas do século XX, através da consolidação de um grupo de médicos-legistas liderados por Leonídio Ribeiro, foi se impondo no Brasil a questão da identificação criminal, com bases nas teorias fascistas do criminologista italiano Cesare Lombroso e graças a treinamentos no *Polizei Institut* do Terceiro Reich, em Berlim. Assim como os criminosos, os loucos e as prostitutas, também os homossexuais passaram a ser meticulosamente estudados, visando a determinar seus caracteres biotipológicos; para tanto, utilizavam-se fotografias íntimas, tiradas quando pederastas eram encarcerados (CORRÊA apud TREVISAN, 2000, p. 182).

Acreditava-se que a homossexualidade ocorria por consequência de uma disfunção do sistema endócrino, o que acarretava numa fenotipologia diferenciada dos indivíduos ditos normais, possuindo o homossexual, tanto características físicas masculinas, como femininas. Daí, a necessidade de propiciar um método eficiente de identificação destes desviantes, a fim de garantir o controle e repressão de suas atividades sexuais impróprias e anti-sociais.

Deve ser ressaltado que neste estudo, como um todo, os registros históricos existentes revelaram muito mais sobre a vida de homens pobres, da classe operária e da classe média-baixa que buscaram a satisfação sexual em lugares públicos, do que incidiram sobre a vida de gays da classe alta, que podiam se dar ao luxo de viver de modo mais circunspeto. Quanto mais baixo o *status* econômico ou social de uma pessoa, mais vulnerável ela se tornava aos abusos de policiais (GREEN, 2000, p. 36-7).

Mesmo não havendo sido criada no Brasil nenhuma instituição destinada ao internamento de homossexuais (manicômio ou presídio), como chegou a ser sugerido, muitos homossexuais que viveram neste período foram internados em manicômios comuns a fim de serem submetidos a tratamentos médicos. Segundo Green (2000), o confinamento era o principal método “terapêutico” na década de 30. O Sanatório Pinel e o Hospício Juquery, ambos em São Paulo, chegaram a receber este tipo de paciente. Em 1941, foi acrescentada à lista de tratamentos do Pinel a terapia de eletrochoque. Vale ressaltar, que todas estas formas de tratamento não obtiveram resultados favoráveis. Inúmeros foram os casos de “recaídas” por parte dos doentes, “depois de receberem alta”.

Em 1948 O Relatório Kinsey (O Comportamento Sexual do Homem), do americano Alfred Kinsey, veio a acrescentar dados considerados polêmicos da sexualidade humana. Este estudo constatava que 37% dos homens americanos tinham tido alguma experiência homossexual em suas vidas.

Ainda, nos Estados Unidos, em meio à Caça às Bruxas promovida por McCarthy, contra o comunismo, surgiu a Sociedade Mattachine, grupo de defesa dos direitos de homossexuais.

(...) a Sociedade Mattachine adotou uma linha de moderação e cautela visando a integração do homossexual na sociedade através da reforma das leis anti-homossexuais dos Estados Unidos. Seus associados muitas vezes aceitaram a noção da homossexualidade como doença, freqüentemente adotavam pseudônimos e enfatizavam sua ‘respeitabilidade’. A própria palavra ‘homossexual’ tendia a ser rejeitada devido à sua ênfase no ‘sexual’, e outros

neologismos foram adotados, 'homófilo' e 'homoerótico' (FRY, MACRAE, 1985, p.94).

Após estas primeiras décadas do século XX; de perseguições aos homossexuais referendadas pelo discurso médico e científico, que se acrescentou à posição tradicional das igrejas de origem judaico-cristã; nos anos 60 foi promovido um intenso debate acerca da cultura e valores de nossa sociedade que acabou influenciando o comportamento de toda uma geração.

## REVOLUÇÃO DOS COSTUMES E COMPORTAMENTOS: O SURGIMENTO DO MOVIMENTO HOMOSSEXUAL MODERNO

A década de 60 marca um período peculiar na história do século XX, com seguidos momentos de manifestação e contestação dos valores estabelecidos. Neste período vão eclodir, dentre outros, os movimentos *hippie* e feminista, e os homossexuais, também, passaram a se organizar de forma mais articulada, inicialmente nos Estados Unidos e Europa. Momento em que se questionava os valores e moral estabelecidos através de manifestações e atitudes que denotavam o sentimento de liberação sexual.

Em 1966, homossexuais americanos manifestaram-se contra a expulsão de gays das forças armadas. A idéia de libertação sexual foi incorporada pelo movimento de contracultura, junto com os militantes negros e feministas, dando início a Formação da Frente de Libertação *Gay* (FLG) nos Estados Unidos, que se espalhou por boa parte da Europa Ocidental. O marco histórico do movimento homossexual moderno vai acontecer anos depois.

O “Levante de *Stonewall*”: Reação dos *gays* à repressão policial praticada nos “guetos” daquela cidade, no dia 28 de junho de 1969, em Nova Iorque. O enfrentamento com a polícia iniciou-se na madrugada e se estendeu por quatro noites posteriores. No primeiro aniversário do confronto, gays de vários estados americanos marcharam pelas ruas de Nova Iorque, numa demonstração de disposição na luta pela defesa de seus direitos. O dia 28 de junho foi instituído como o Dia do Orgulho *Gay* e em diversas partes do mundo, hoje, são realizadas paradas em referência a data.

Em meio a essa conjuntura Internacional, o Brasil vivia sob uma ditadura desde o golpe militar de 1964, em 1968, foi baixado pelo governo dos militares o Ato Institucional

nº 5 (AI-5). O Congresso Nacional foi fechado, as vozes dissidentes silenciadas pela censura imposta aos meios de comunicação, cassação de mandatos e direitos civis.

Somente no fim da década de 70 é que vai haver um abrandamento do regime. Os exilados retornavam ao nosso país trazendo consigo as idéias disseminadas nos Estados Unidos e Europa e as vivências dos movimentos feminista, ecológico, negro e de libertação sexual.

Quando esses personagens começaram a voltar, graças à anistia instaurada em 1979, trouxeram consigo vivências que haviam absorvido em sua forçada temporada longe do lar. (...) Pode-se dizer que a eclosão do Movimento de Liberação Homossexual no Brasil faz parte de uma (vã) tentativa de se abrir para o mundo, buscando dialogar com seu tempo (TREVISAN, 2000, p. 336).

Homossexuais e intelectuais do Rio de Janeiro e São Paulo passaram a se reunir com o objetivo de organizar um Grupo de discussão sobre a questão da homossexualidade. O mesmo ocorria em relação ao movimento feminista e negro, que dentro dos padrões da esquerda ortodoxa estavam inseridos na luta das minorias.

Dois acontecimentos vão marcar o surgimento do Movimento Homossexual Brasileiro neste período: O lançamento do número 0 do Jornal O Lampião da Esquina<sup>1</sup> (1978), no Rio de Janeiro e a organização do Somos<sup>2</sup> – Grupo de Afirmação Homossexual (1979), em São Paulo em meio o processo de abertura democrática.

Inicialmente; chamado de Núcleo de Ação pelos Direitos dos Homossexuais; a consolidação da proposta do Grupo Somos, aconteceu durante a promoção de um debate público no Campus da Universidade de São Paulo, na Faculdade de Ciências Sociais, ainda no ano de 1979. Uma das principais polêmicas da discussão que se colocava foi a questão da prioridade em relação a “luta maior” (classista) e o movimento das minorias.

O debate em torno da relação entre a luta setorial de *gays* e movimento classista tornou-se bastante acirrada, naquele momento. Trevisan (2000) afirma que a grande questão colocada na primeira fase do movimento homossexual em nosso país: “era válido de discutir sexualidade, coisa considerada secundária no grave contexto brasileiro”?

---

<sup>1</sup> Título sugestivo da vida gay de rua, mas que também aludia à figura do rei do cangaço. O conselho editorial incluía nomes como o antropólogo Peter Fry, cineasta e crítico de cinema Jean-Claude Bernadete, o pintor e escritor Darcy Penteado e intelectuais como João Antônio Mascarenhas e João Silvério Trevisan (GREEN, 2000).

<sup>2</sup> Homenagem à publicação de vida curta editada pela Frente de Liberação Homossexual Argentina, extinta em 1976, pela ditadura de seu país (GREEN, 2000).

Os estudantes gays se queixavam de que a esquerda brasileira era homofóbica. Estudantes de esquerda que apoiavam Fidel Castro e a Revolução Cubana argumentavam que combater temas específicos, como sexismo, racismo e homofobia, iria dividir o crescente movimento contra o regime militar. Eles sustentavam que as pessoas deveriam se unir em uma luta geral contra a ditadura (DANTAS apud GREEN, 2000, p. 433).

Durante a realização do I Encontro Nacional de Grupos Homossexuais Organizados, realizado em São Paulo, a disputa entre os grupos divergentes no interior do movimento intensificou-se, e na votação de uma proposta referente ao dia primeiro de maio, houve um tensionamento muito grande.

Apesar da discordância, a participação do Somos na atividade do dia primeiro de maio aconteceu, tendo a maioria votado contra o apoio à greve dos sindicalistas, militantes ligados aos setores de esquerda organizaram o ato público.

Eles estavam ali para apoiar a greve geral dos sindicalistas, cuja paralisação levara o governo a decretar o estado de sítio e a convocar o Segundo Exército. Os corajosos ativistas gays e lésbicas marchavam sob uma faixa onde se lia: ‘Contra a Discriminação ao(à) trabalhador(a) homossexual’ (...) Quando o grupo adentrou o estádio de futebol para participar de uma assembléia no fim da passeata, foi aplaudido por milhares de pessoas (GREEN, 2000, p. 434).

Porém, este fato e a continuidade dos embates em torno da articulação com a esquerda brasileira fez com que o Somos se dividisse. A parcela contrária aos rumos que a entidade estava tomando fundou um novo grupo, o Outra Coisa. Em seguida, da mesma forma que aconteceu com o Grupo Somos, o jornal *Lampião da Esquina* deixou de ser publicado devido divergências em seu Conselho Editorial, em julho de 1981.

Os anos 80 vão proporcionar um momento inusitado ao movimento dos homossexuais em todo mundo. Ao mesmo tempo em que o advento da Aids veio colocar em pauta a questão do comportamento homoerótico, deu forças ao preconceito e intolerância, contribuiu para reorganização dos homossexuais.

Os primeiros casos da doença foram notificados em *Los Angeles* e Nova Iorque, em 1981. Logo no início, a epidemia ficou conhecida como “câncer *gay*” ou simplesmente “peste *gay*”, já que a doença havia se manifestado, sobretudo, em homossexuais. Os

setores conservadores da sociedade, aproveitando-se deste fato, passaram a considerar a doença como “vingança da natureza”, “castigo divino” contra os sodomitas.

As respostas à epidemia dadas pelas entidades governamentais não correspondiam às reais necessidades dos seus principais atingidos. Spencer (1999) afirma que os homossexuais concluíram que estavam sendo ignorados em virtude da opressão que já sofriam. Então, passaram a se auto-organizar contra a indiferença das autoridades. Para Costa (2002), sobreviver à Aids significava um ponto ganho na luta contra a intolerância e a discriminação.

O Grupo Terrence Higgins, fundado no final de 1982, em memória do primeiro britânico a morrer de Aids, organizou a primeira conferência nacional sobre o assunto em 1984. Um ano depois, obtiveram os primeiros recursos públicos para a causa (WEEKS apud SPENCER, 1999, p. 359).

No Brasil, o movimento encontrava-se desmobilizado após a dissolução do Somos. Coube às poucas forças militantes que restavam organizar um sistema de prevenção da Aids e tratamento das vítimas. Fora o impacto negativo da doença, a Aids, também acarretou numa visibilidade a respeito da homossexualidade como nunca havia acontecido antes. Os homossexuais haviam saído do limbo, foram revelados como parte da sociedade. (TREVISAN, 2000).

Depois da AIDS, tudo o que se desenhava em círculos minoritários do campo cultural ganhou uma publicidade inusitada. Através de depoimentos pessoais, livros e filmes, sujeitos portadores do vírus ou de sintomas da doença passaram a falar livremente de suas experiências sexuais e amorosas para o público ‘heterossexual’, sem constrangimento ou censura (COSTA, 2002, p.167).

O que houve posteriormente a este período difícil para o movimento homossexual, devido ao seu poder de mobilização e luta por políticas de prevenção da doença e assistência aos portadores do HIV, foi um quadro que se mostrou positivo à comunidade *gay*.

Num processo que se assemelha ao que ocorreu em São Paulo e no Rio de Janeiro, o movimento homossexual cearense vai surgir sob a influência da efervescência dos movimentos sociais e com a contribuição significativa de personagens de grupos ligados ao sindicalismo e de quem que vivenciou experiências de organização homossexual entre outro país.

## HISTÓRIA DO MOVIMENTO HOMOSSEXUAL CEARENSE E AS ORIGENS DO GRAB

Anterior a data de fundação do Grupo de Resistência Asa Branca (GRAB); que só veio a existir, oficialmente, em 1989, como consta em seu primeiro livro de ata<sup>1</sup>; ocorreram outras tentativas de organização dos homossexuais em Fortaleza, em grupos de caráter diferenciados.

Podemos afirmar que os seus primeiros militantes vieram, basicamente, de três grupos: o primeiro ligado ao Pastor da Igreja Pacifista Tunker<sup>2</sup>, Onaldo Alves, o segundo, proveniente dos movimentos de esquerda e o terceiro, formado por homossexuais sem relação alguma com outros tipos de organização.

O Pastor é considerado figura fundamental para a organização e fundação do GRAB. Tendo cursado Teologia no Bethany Theological Seminary de Chicago, retornou ao Brasil em 1985, com o desejo de formar um grupo, que segundo o mesmo, “trabalhasse de forma mais holística a questão da homossexualidade, sobretudo, a criação de uma identidade mais clara e auto-estima.

Onaldo Alves passou a dar forma a esse agrupamento, na cidade de Rio Verde, interior de Goiás, local onde havia nascido. Posteriormente, mudou-se para o Ceará, em 1986, trazendo consigo a mesma idéia. Juntamente com outros membros ligados à Igreja Pacifista Tunker, deu início às primeiras reuniões do grupo, que se chamava Asa Branca, aos sábados, numa casa localizada à rua 13 de maio, no bairro Bela Vista.

A partir do momento em que passaram a se reunir na sede da Sociedade Civil Bem-Estar Familiar no Brasil (BEMFAM), foi viabilizada a aproximação de novos sujeitos que viriam dar origem ao Grupo de Resistência Asa Branca (GRAB). Dentre os quais, destacavam-se militantes ligados aos movimentos sociais de esquerda que não

---

<sup>1</sup> De acordo com este documento e com o material de divulgação, a fundação do grupo aconteceu no dia 17 de março de 1989. Porém, dois meses antes desta data, de acordo com o Boletim do Grupo Gay da Bahia, número 27, ano XII de agosto de 1993, o GRAB esteve presente no III Encontro Brasileiro de Homossexuais, ocorrido em janeiro de 1989, no Rio de Janeiro. Em entrevista concedida pelo Pr. Onaldo Pereira, o mesmo afirma que, existia sim e estava presente ao evento um grupo do Ceará, no entanto, ainda sem a denominação de Grupo de Resistência Asa Branca. Ver também Facchini (2005).

encontravam, naquela época, espaços de convergência e organização em que pudessem discutir a questão homossexual.

Antes dessa aproximação, estes ainda tentaram se reunir de forma clandestina, até porque, para muitos setores da esquerda debater sobre a homossexualidade era considerado sinal de alienação em torno de uma luta mais geral da sociedade. Abaixo, relatamos algumas dessas experiências.

Neste mesmo período, o Grupo *Gay* da Bahia havia lançado uma cartilha explicando como fundar outros grupos, sob influência de um jovem militante do movimento estudantil de Salvador, um pequeno grupo de homossexuais de Fortaleza foi formado e denominado Grupo *Gay* do Ceará (GGC).

Nós criamos o GGC (...) nós tínhamos medo de, como que a gente ia fazer. Juntamos, nos reunimos no apartamento dele e escolhemos a primeira atividade do grupo, que foi a última. Compramos um spray vermelho, já que não tinha róseo e pintamos as ruas, pichamos a cidade: 'Nem só de pênis vive o gay'. Essa foi a primeira manifestação homossexual e a última desse grupo, GGC, que já foi abortado na primeira reunião. Sabe por quê? Porque nós não tínhamos, o parceiro do companheiro não queria que ele participasse com medo de perder ele por ciúmes, e gerou um clima que acabou (Cleudo Júnior).

Com a dissolução deste primeiro agrupamento, pessoas ligadas ao movimento comunista que já haviam se expressado como homossexuais em seus espaços de militância, passaram a se encontrar e a se organizar, reunindo-se na sede do Sindicato dos Bancários. Na ocasião, foi formada a Frente de Libertação Homossexual (FLH).

A Frente havia surgido, tendo como figura de destaque Francisco Luís Rabelo de Oliveira, militante petista, ligado ao "grupo da Maria Luiza (primeira prefeita de uma cidade brasileira, eleita pelo Partido dos Trabalhadores, em 1985), num primeiro momento, se reuniram para uma discussão promovida no Teatro São José sobre homossexualidade e eleições. O objetivo do grupo era eleger a candidata petista como prefeita, e depois, Luís Rabelo como o primeiro vereador gay da cidade.

Com a eleição da Maria Luiza, houve um rompimento, depois com o PT e houve uma quebra de encanto. Quando quebrou o encanto, o povo da Maria Luiza se fechou, e as pessoas foram assumir os cargos de direção, os cargos, e ninguém tinha mais tempo, e pôde ir mais à Frente e acabou. (Idem).

Com o final de mais uma tentativa sem sucesso de organização de um grupo homossexual em Fortaleza, no período que compreende a extinção da FLH até o ano de 1989, quando atraídos pelos convites feitos nos guetos da cidade pelo grupo coordenado Pastor Onaldo Alves.

[Foi em 89, nós fomos surpreendidos em março de 89, no 'gueto'. A gente estava, eu peguei o papel e tinha: 'Convidamos a comunidade para comparecer na BEMFAM'. (...) Decidimos que íamos olhar, o que nós queríamos era acabar com o movimento, porque a gente achava que era um movimento feito por um pastor, numa instituição de direita. Na verdade, era uma forma dos Estados Unidos que quer controlar os viados daqui (Ibidem).

De acordo com a primeira ata de reunião do grupo, ainda sem nome, datada de 17 de março de 1989, estavam presentes na sede da BEMFAM, técnicos da ONG, representantes de Igreja Pacifista Cristã Tunker e alguns homossexuais, somando o total de doze pessoas. A abertura foi realizada pelo Pastor Onaldo, sendo que o objetivo central do encontro foi a formação da entidade, ainda, discutiu-se a necessidade da organização, definição de seus objetivos, divulgação, geração de finanças e elaboração de um estatuto.

O nome do grupo foi escolhido, já na terceira reunião, no dia 31 de março de 1989. No processo de votação, os militantes advindos dos movimentos de esquerda consideraram como *light* a proposição colocada pelo Pr. Onaldo, o nome Asa Branca. Luís Rabelo, então propôs o acréscimo da palavra Resistência.

A festa de lançamento do Grupo de Resistência Asa Branca aconteceu no dia 29 de julho de 1989, no Casarão da Liberdade, localizado à rua Tristão Gonçalves, 356, no Centro. Foram programadas para o evento as intervenções da militante do grupo, Núcia Teixeira, que era ligada ao grupo proveniente dos movimentos de esquerda da cidade e da Dra. Aldamara da BEMFAM.

Durante as primeiras reuniões, geralmente, eram organizadas dinâmicas com o intuito de promover a interação dos participantes. Sobre o estatuto da entidade, foi solicitado ao grupo que buscasse obter modelos de outros organismos de luta em defesa dos direitos dos homossexuais, para que servissem de base para a elaboração do estatuto do GRAB. Na ocasião, o Pr. Onaldo foi responsável por entrar em contato com o GGB e o Atobá a fim de conseguir cópias de seus estatutos.

Como forma de buscar visibilidade do grupo, foi proposta a elaboração de panfletos e poemas para serem distribuídos e afixados nos espaços de convivência da comunidade *gay* de Fortaleza. Tendo sido proposto, também, a redação de um manifesto a ser divulgado na mídia. Sobre a questão das finanças, foi criada uma tesouraria provisória, para que se viabilizasse a gestão de recursos, através da venda de cartões, da arrecadação de contribuições e da realização de piqueniques e promoção de shows em boates.

Nesta fase inicial, discutia-se de forma evidente o caráter do grupo e a sua organicidade, o estabelecimento de horários e as formas de condução dos encontros, nos quais se colocava a necessidade de discutir assuntos referentes aos aspectos sócio-culturais e não apenas às questões de saúde. Naquele período ainda havia, pouca clareza sobre a questão da Aids e o grupo buscava evitar relacionar a idéia da doença com a homossexualidade, por outro lado, já programavam visitas aos pacientes internados no Hospital São José (Hospital referência em doenças infecciosas no Estado do Ceará, um dos primeiros a receber e tratar pacientes com Aids).

Logo após alguns meses, Pastor Onaldo retornou à sua cidade natal, no interior de Goiás. Desta forma, Luís Rabelo, Núcia Teixeira e Cleudo Júnior, militantes de esquerda de Fortaleza, tomaram para si a coordenação dos trabalhos da entidade.

A idéia dos dirigentes acima, neste período, era de fortalecer o movimento local, isolando-se do debate nacional, de acordo com a fala de Cleudo Júnior: “chamar de novo os partidos de esquerda, pra poder, junto, a gente formar uma frente, destruir o GRAB e formar a frente”. Neste intervalo de tempo, ocorreu um incidente que acarretou no afastamento destes.

Esse movimento, a BEMFAM,(...), não, a Coordenação de Aids nos convida pra gente ir pra Brasília (...) num local qualquer e manda três passagens, se não me engano, manda três passagens, não lembro. O que é nos fizemos? Pegamos essas passagens e vendemos para investir no movimento. Nós não queríamos, nós achávamos que nós não tínhamos responsabilidade do Ministério. Nós não tínhamos nenhum. Por causa disso, nós fomos discriminados (...) recebemos cartas e tudo do Ministério, inclusive, ameaçando nos prender (Idem).

Depois disso, o movimento homossexual caiu no descrédito por parte de outras organizações nacionais e pelas instituições locais, e estaduais, sendo alvo de críticas e censuras nos fóruns em que participaram. Como conseqüência da situação, os três dirigentes decidiram abandonar as atividades do grupo.

Já no início dos anos noventa, o GRAB contava nas suas fileiras de atuação a figura, hoje histórica, do policial e militante Emanuel Gomes Pinto, o Alan Gomes (Ex-presidente do GRAB falecido, vítima da Aids, em 1991).

Como o Alan era um cara muito, gostava muito de brigar pelos seus direitos, aquela coisa toda. Aí, falaram do GRAB, nós fomos na BEMFAM, aí, participamos da primeira reunião. Foi quando na terceira, na quarta, na quinta, o Alan já estava se envolvendo mais, já estava dentro da instituição (Raimundo Ferreira).

A partir deste momento, a questão da Aids recebeu uma atenção mais evidente, fato que antes era de certa forma evitado. Temia-se que era um risco vincular a questão do HIV ao movimento, pois esta atitude poderia ser interpretada como forma legitimação da Aids como “peste *gay*”. Vale lembrar que, tanto para o grupo reunido em torno da Igreja Pacifista Tunker, como para os militantes da esquerda este debate não era considerado primordial. Para os primeiros, a idéia inicial era de se formar “um grupo de estudo sobre a homossexualidade”; para o segundo, originado do movimento de esquerda, a discussão girava mais em torno da contestação e questionamento das normas e comportamentos da sociedade naquela época, tal como fazia o movimento *hippie*.

Nesta fase, o GRAB passou a promover e participar de atividades em que questão da epidemia era o cerne da discussão. Outra característica importante deste momento foi a organização de atividades que visavam arrecadar fundos para o grupo e promover ações de solidariedade aos portadores do HIV e aos doentes internados no Hospital São José.

O Alan criou no fundo, a maior figura que o GRAB já teve, o grande expoente que o movimento homossexual teve, foi o Alan, porque ele deu uma roupagem moderna, ou seja, ele disse: não, o grupo vai existir, ele reuniu os artistas e conseguiu muito (...) aí, começou a se legitimar (Cleudo Júnior).

Com a entrada de recursos através das doações e venda dos quadros durante as exposições, surgiu a necessidade de o grupo abrir uma conta corrente, por ainda não ser registrado em cartório, o GRAB fez um acordo com o Banco Bradesco e pôde viabilizar sua abertura. A elaboração e registro do estatuto da entidade, também, são atribuídos como realização dos trabalhos desenvolvidos durante a gestão de Alan Gomes.

Quando o Alan adoeceu, aí, deixou o grupo já quase registrado. Eu fui quem (...), passei seis meses, ele falou com a Dra., Dra lá do cartório Melo Júnior. A gente doou até um quadro bem bonito, porque a gente fez campanha na época pra ela, pra fazer o estatuto do GRAB, que a gente não tinha dinheiro (...) O Alan foi o pivô de tudo (Raimundo Ferreira).

Em maio de 1990, o grupo esteve participando do evento *Candlelight*, denunciando o descaso praticado em relação aos doentes de Aids. Buscava-se sensibilizar o governo do Estado e os órgãos de saúde para essa problemática. Na época, a idéia de “grupo de risco” era algo que predominava no imaginário da população, reivindicavam-se trabalhos de prevenção voltados a estes setores da sociedade: homossexuais, usuários de drogas injetáveis e prostitutas.

Em conseqüência destes trabalhos, o Grupo de Resistência Asa Branca, recuperou seu prestígio com outras entidades do MHB. Posteriormente, recebeu a visita de uma liderança do grupo Atobá do Rio de Janeiro, Paulo Cezar Fernandes, no mês de setembro de 1990. Na ocasião, foram compartilhadas as experiências da entidade visitante e agendado um treinamento na sede da organização, no seu estado de origem.

Em outubro de 1990, o vice-presidente do Grupo *Gay* da Bahia, esteve em Fortaleza e solicitou do GRAB a realização de uma coletiva com a imprensa local a fim de divulgar um dossiê acerca da violência praticada contra os homossexuais no Brasil, contendo relatos de crimes de homofobia, descrevendo seus agressores e denunciando a impunidade. Depois da coletiva com a mídia local, houve uma repercussão do dossiê. Na Câmara dos Vereadores, foi feito um pronunciamento com caráter de denúncia contra a falta de punição pela prática destes crimes, ressaltando a necessidade de reconhecer e garantir a cidadania dos homossexuais.

Ao longo dos seus 20 anos de existência o GRAB tem se constituído como um dos principais interlocutores do movimento homossexual cearense, realizando projetos e organizando eventos tais como as paradas pela diversidade, além de protagonizar vários momentos em que foram conquistados direitos de cidadania para os LGBTTs, como a aprovação da lei de nº 8211/98, que estabelece punições a estabelecimentos que discriminarem em função da orientação sexual e a criação de uma Assessoria Especial de Políticas para Diversidade Sexual ligada ao gabinete da prefeita desde 2005. Mesmo assim, muitas lutas ainda se colocam num horizonte ora acinzentado, como nuvens de chuva que contrastando com um arco-íris que já se anuncia.

## REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BÍBLIA, Sagrada. São Paulo: Edibra Ave Maria, 1982.
- COSTA, Jurandir Freire. *A Inocência e o Vício*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- \_\_\_\_\_, *Ordem Médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- FACCHINI, Regina. *Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: a vontade de saber*. Vol. I. Rio de Janeiro: Graal. 1988.
- \_\_\_\_\_, *História da Sexualidade: o uso dos prazeres*. Vol. II. Rio de Janeiro: Graal. 2001.
- \_\_\_\_\_, *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- FRY, P., MACRAE, E. *O que é Homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- GREEN, James N. *Além do Carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: UNESP, 2000.
- HELMINIAK, Daniel A. *O que a Bíblia realmente diz sobre a homossexualidade*. São Paulo: Summus, 1998.
- HOCQUENGHEN, Guy. *A Contestação Homossexual*. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- TREVISAN, J. Silvério. *Devassos no Paraíso: A Homossexualidade no Brasil da Colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Record, 2000.